

Fazenda São João dá origem a bairro

A área chegou a sediar um matadouro antes de se transformar em Porto de Santana

Registros de 1913 revelam que a região de Porto de Santana, Cariacica, era uma extensa fazenda chamada São João, onde predominava a paisagem de pasto, além do mangue.

Conhecida, ainda, como sítio Goiamum, a área pertencia à Prefeitura de Vitória. Posteriormente, a gestão municipal transformou o lugar num matadouro bovino, cuja carne abastecia toda a Grande Vitória. O produto era transportado em lanchas, que atravessavam a baía de Vitória.

Também funcionava naquela região a pedreira Porto de Santana, que fazia britagem para a construção da estrada de ferro Vitória a Minas.

O início da ocupação ocorreu no final da década de 50, no governo de Francisco Lacerda de Aguiar. O local foi habitado por funcionários da Prefeitura de Vitória e empregados da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) que vieram ao Estado para trabalhar na pedreira.

O lugar era dividido em duas partes: Santana de Cima e Santana de Baixo, cuja região compreendia os bairros que hoje compõem as localidades do entorno.

Até a década de 70, existia uma média de 10 mercearias na bai-



xada de Santana. O comércio era formado, em grande parte, por botecos, onde a mercadoria mais vendida era a cachaça.

A carne de boi dos matadouros não era a única a ser transportada pela baía de Vitória. Para se deslocar até a capital, a comunidade utilizava o transporte aquaviário. Os barquinhos ficavam num ancoradouro. O ponto de ônibus mais próximo funcionava em Itaquari.

Até 1984, boa parte das terras ainda pertencia a Vitória, embora a administração já estivesse por conta do poder municipal de Cariacica. No final da década de 80, o bairro passou a pertencer definitivamente ao município onde está localizado.

Em 1990, a comunidade foi contemplada com o início das obras de pavimentação em parte das vias. “Antes do calçamento, não era moleza andar de carro por aqui por causa do lamaçal”, contou o morador Délio Rodrigues, 67 anos.

“Amo esse lugar de coração”

“Tenho 63 anos e moro em Porto de Santana desde que nasci. Na minha infância, me lembro das casas de estuque, do mar onde a gente pescava e tomava banho e dessa imensa região, onde eu jogava bola com outras crianças.

Meu pai trabalhava como mestre de lancha e possuía um barquinho, que era como se fosse um carro, que nos levava até o outro lado da baía de Vitória.

Infelizmente, houve um tempo em que se via gente morta to-

dos os dias na rua, por causa das disputas por terrenos invadidos. Eu sempre fui de paz e nunca fui agredido por ninguém.

Sempre vivi nesse bairro e só saio daqui para o cemitério, pois amo esse lugar de todo o meu coração. Tenho saudade da minha infância, que foi feliz e tranqüila.

Graças a Deus, nosso bairro cresceu e se desenvolveu muito nesses anos.”

Milton Rocha, aposentado, morador antigo.



Milton Rocha disse que o bairro era um campo de guerra

Palco de brigas e mortes

O auge das ocupações desordenadas marcou a história de Porto de Santana, Cariacica, que já foi palco de brigas, disputas e mortes. O local onde atualmente fica a praça principal do bairro era conhecido como “espera tapa”, por ser considerado uma área perigosa.

Ao anoitecer, quem ia ao local corria o risco de ser recebido com reações violentas de algumas pessoas.

“Teve uma época em que a gente tropeçava em cadáver aqui. Eram pessoas que matavam umas as outras por causa de terrenos. Era um verdadeiro campo de

guerra”, lembrou o aposentado Milton Rocha, 63 anos.

No início da década de 70, a invasão teve seu período mais tenso por causa dos desentendimentos. Para evitar mais confusões, a Prefeitura de Cariacica delimitou os terrenos e cedeu escrituras aos moradores.

“Nessa época eu morava aqui e participei do trabalho de demarcação. Montei um escritório e as escrituras foram doadas”, contou o morador Geraldo Fernandes de Miranda, 71 anos, lembrando que o Exército também precisou intervir para organizar a invasão.